

## “TEM BICHA SURDA AÍ?”: REFLEXÕES SOBRE A POTÊNCIA DA COMUNIDADE SURDA LGBTQIA+

*“ARE THERE ANY DEAF QUEERS OUT THERE?”: REFLECTIONS ON THE POWER OF THE LGBTQIA+ DEAF COMMUNITY*

Rebeca Garcia Cabral<sup>1</sup>  
Pâmela da Conceição Silva Dias<sup>2</sup>

**Resumo:** a comunidade de surdos, assim como qualquer outro grupo social, está longe de ser homogênea. Por isso que nesse artigo será sempre pluralizada, porque há diferentes grupos dentro dessa comunidade. Cada grupo traz consigo suas lideranças, suas demandas e sua reivindicação por um lugar de fala que seja seu. Dessa forma, o presente artigo tem por objetivo trazer um debate acerca da experiência de ser surdo e ser LGBTQIA+. Para tal, diferentes questões se fizeram presentes: Como foi se descobrir enquanto pessoa fora do padrão cis-heteronormativo sendo surdo? De que forma isso impacta a visão de mundo desses sujeitos? De que maneira vêm sendo estruturadas as manifestações da comunidade surda LGBTQIA+? E, por fim, dentro dessa mobilização, qual é o papel dos influenciadores surdos LGBTQIA+? Assim, esse artigo intenciona trazer algumas respostas, ainda que provisórias, para esses tensionamentos. Não só devido ao isolamento social, como também pela consolidação desse grupo nas redes sociais, como técnica de coleta de dados, utilizamos a pesquisa na internet. E os resultados serão trazidos dialogando com três eixos principais: a experiência de duplo preconceito, as lutas do movimento social de surdos LGBTQIA+ e o impacto dos influenciadores digitais surdos.

**Palavras-chave:** surdos; LGBTQIA+; influenciadores; manifestações sociais.

**Abstract:** the deaf community, like any other social group, is far from homogeneous. That's why in this article it will always be pluralized, because there are different groups within this community. Each group brings its leadership, its demands and its claim for a place of speech that is its own. Thus, this article aims to bring a debate about the experience of being deaf and being LGBTQIA+. To this end, different questions were present: How was it to discover yourself as a person outside the cis-heteronormative standard being deaf? How does this impact the worldview of these subjects? How have the manifestations of the LGBTQIA+ deaf community been structured? And, finally, within this mobilization, what is the role of LGBTQIA+ deaf influencers? Thus, this article intends to bring some answers, albeit provisional, to these tensions. Not only due to social isolation, but also due to the consolidation of this group on social networks, as a data collection technique, we use internet research. And the results will be brought in dialogue with three main axes: the experience of double prejudice, the struggles of the LGBTQIA+ deaf social movement and the impact of deaf digital influencers.

**Keywords:** deaf; LGBTQIA+; influencers; social manifestations.

Certa vez, quando eu estava andando pelo centro da cidade em direção ao meu prédio de escritórios, notei um homem lindo com um bigode grosso olhando para mim do outro lado da Terceira Avenida. Continuamos lentamente em nossos caminhos com aqueles olhares apreciativos até que ele finalmente passou até o meu canto. Quando apertamos as mãos, ele ouviu minha fala nasalada e viu meus aparelhos auditivos; ele me deixou ali, olhando para o relógio e resmungando algo sobre o quão atrasado ele estava para um compromisso em outro lugar. (Raymond Luczak<sup>3</sup> em “Notes of a Deaf Gay Writer”)

<sup>1</sup> Bacharel em Museologia/UNIRIO, Pós-Graduada em Design de Interiores/FAMEESP e Mestranda em Antropologia/UFBA. Seus principais interesses de pesquisa são arte surda, antropologia do corpo, antropologia da performance, antropologia visual, estudos de gênero e estudos geek.

<sup>2</sup> Graduada em Design de Interiores/UNICESUMAR. Seus principais interesses de pesquisa são sustentabilidade, acessibilidade cultural, comportamento humano, movimento social de surdos e estudos de gênero.

<sup>3</sup> Raymond Luczak é um poeta, escritor e ativista gay surdo estadunidense.

## 1 INTRODUÇÃO

Esse artigo parte das inquietações de duas pessoas LGBTQIA+<sup>4</sup>. Uma delas que está envolvida com as comunidades de surdos desde que nasceu e a outra que “caiu de paraquedas”<sup>5</sup> no meio desse grupo social. Juntas, começaram a conversar sobre os avanços e as demandas ora solicitadas pelas diferentes lideranças desse grupo social.

Isso porque os surdos estão longe de ser um grupo homogêneo. Existem camadas e mais camadas de diferenças como em qualquer outra comunidade. A começar pelo fato de existirem surdos pró-língua de sinais e surdos a favor da oralização<sup>6</sup>. Antigamente, em meio aos surdos sinalizadores era muito comum utilizar a nomenclatura “deficiente auditivo” para esse segundo grupo (TOLEDO, 2017). Hoje isso tem caído em desuso.

E, além dessas distinções, muitas outras têm surgido em meio a esse grupo social. Cada subgrupo com suas próprias reivindicações. Assim, “[s]urdos sinalizadores, oralizados, implantados, negros, gays, índios... disputam espaços e territórios, expondo as fissuras que qualquer outro grupo social possui” (GARCIA, 2011, p. 126). Porém, apesar de suas diferenças, existe um elemento comum a todos que atravessa suas trajetórias: são surdos.

Então, o povo surdo<sup>7</sup> poderia ser os surdos das zonas rurais, os surdos das zonas urbanas, os surdos índios, as mulheres surdas, os surdos sinalizados, os surdos oralizados, os surdos com implante coclear, os surdos gays e outros. Estes surdos também se identificam com o povo surdo apesar de não pertencerem às mesmas comunidades surdas. (STROBEL, 2008, p. 32)

Pensando nesses diferentes subgrupos e em nossas próprias experiências pessoais, escolhemos nos aprofundar nas experiências de surdos LGBTQIA+, nomenclatura que utilizaremos ao longo do trabalho por ser mais abrangente. Dessa forma, o presente artigo pretende apresentar um pouco desse movimento social através de três eixos centrais a serem abordados: 1) a experiência de duplo preconceito, enquanto pessoa surda fora do padrão cis-heteronormativo, 2) as mobilizações sociais de surdos LGBTQIA+ e 3) o impacto dos influenciadores surdos pertencentes a esses dois grupos sociais. Para tal, nos valem da pesquisa na internet por acreditarmos que essa técnica de coleta de dados conseguiria trazer um recorte melhor desses eixos.

<sup>4</sup>O significado do termo LGBTQIA+ é: lésbicas, gays, bissexuais, trans, queer, intersexuais, assexuais e outras identidades de gênero e orientações sexuais fora do padrão cis-heteronormativo (representadas pelo +).

<sup>5</sup> O envolvimento se deu em função da aproximação recente com uma pessoa filha de surdos.

<sup>6</sup> “Surdos oralizados e não oralizados geralmente apresentam diferentes raízes de concepção de mundo. Enquanto estes últimos estão mais próximos de uma ‘massificação’ da cultura surda, que tem na língua de sinais a sua manifestação maior de cultura; os oralizados se aproximam mais das manifestações da cultura ouvinte, onde privilegia-se a habilidade da fala e eficácia em leitura labial. Por isso, nota-se que as características pedagógico-educacionais exigidas por ambos os grupos são diferenciadas” (MELLO, 2001, n.p).

<sup>7</sup> Alguns autores surdos utilizam a terminologia “povo surdo” para explicar esse sentimento próprio de comunidade partilhado pelos surdos de diferentes localidades. O que nos remete a noção de territorialização (DELEUZE & GUATTARI, 1997).

## 2 O DUPLO ESTIGMA: SER SURDO, SER LGBTQIA+

Em 2002, um caso gerou certa polêmica na mídia. Sharon Duchesneau e Candy McCullough, um casal de surdas lésbicas dos Estados Unidos, desejavam ter um filho por inseminação artificial. Isso é um direito de qualquer pessoa. Porém, o que realmente chamou atenção da mídia foi que elas queriam que o doador de esperma fosse um homem surdo para que houvesse maiores chances de que a criança nascesse surda.

Para ter maiores garantias de que seu filho tivesse chance de ser surdo, elas “recorreram a um amigo com cinco gerações de surdez em sua família depois de serem rejeitadas por um banco de esperma que lhes disse que os doadores com deficiências eram excluídos” (TEATHER, 2002, n.p, tradução livre)<sup>8</sup>. Mas não iremos adentrar no capacitismo<sup>9</sup> do banco de esperma por isso não ser o foco dessa pesquisa.

Sharon e Candy responderam as críticas esclarecendo que sua escolha não é diferente de pessoas que escolhem o sexo da criança e que não compreendiam a surdez como uma deficiência, mas sim como uma identidade cultural.

“Algumas pessoas olham para isso como ‘Oh, meu Deus, você não deveria ter um filho com deficiência’”, disse McCullough [...]. “Mas, você sabe, as pessoas negras têm vidas mais difíceis. Por que os pais não deveriam escolher um doador negro se é isso que eles querem? Eles deveriam ter essa opção. Eles podem se sentir relacionados a essa cultura, ligados a essa cultura.” [A] Sra. Duchesneau, disse: “Seria bom ter um filho surdo que é igual a nós. Acho que seria uma experiência maravilhosa. Temos uma chance, por que não a aproveitar? Um bebê ouvinte seria uma bênção. Um bebê surdo seria uma bênção especial”<sup>10</sup> (TEATHER, 2002, n.p, tradução livre)

O nascimento de uma criança surda é algo muito comemorado pela comunidade de surdos. Aqui nos detendo aos surdos que se entendem como pertencentes de uma cultura e identidade próprias que, em geral, são aqueles que utilizam a língua de sinais como primeira língua. Isso porque, ao contrário da crença da sociedade majoritária, eles não têm

<sup>8</sup> “Sharon Duchesneau and Candy McCullough, both in their 30s, turned to a friend with five generations of deafness in his family after being turned away by a sperm bank which told them that donors with disabilities were screened out” (TEATHER, 2002, n.p).

<sup>9</sup> Termo entendido aqui como “a materialização de atitudes permeadas pelo preconceito que categorizam os sujeitos conforme a adequação de seus corpos a um ideal de beleza e capacidade funcional. É um conceito presente no social que avalia as pessoas com deficiência como desiguais, menos aptas ou incapazes de gerir suas próprias vidas, sendo para os capacitistas, a deficiência como um estado diminuído do ser humano. Trata-se de uma forma de preconceito subliminar e engravado na produção simbólica social, mostrando-se uma construção universalizada de opressão sobre a compreensão da deficiência” (MELLO & CABISTANI, 2019, p. 123).

<sup>10</sup> “Some people look at it like, ‘Oh my gosh, you shouldn’t have a child who has a disability,’” said Ms. McCullough, the boy’s adoptive mother. ‘But, you know, black people have harder lives. Why shouldn’t parents be able to go ahead and pick a black donor if that’s what they want? They should have that option. They can feel related to that culture, bonded with that culture.’ While still seven months pregnant, the boy’s biological mother, Ms. Duchesneau, said: ‘It would be nice to have a deaf child who is the same as us. I think that would be a wonderful experience. You know, if we can have that chance, why not take it? A hearing baby would be a blessing. A deaf baby would be a special blessing’” (TEATHER, 2002, n.p).

interesse em serem “consertados”. E Gauvin, filho de Sharon e Candy, nasceu surdo para a alegria de suas mães e de seu doador de esperma, que inclusive já era pai de uma menina surda.

É complexo para a sociedade majoritária compreender porque alguém iria querer um filho “quebrado”, isto é que tem a ausência de um de seus sentidos. Podemos entender essa visão como um estigma que é “um conceito negativo ligado a todos os grupos que tendem ou não a ser vistos como desacreditados, não inteiramente humanos ou não elegíveis para fazer parte da sociedade. O estigma se vincula a qualquer pessoa que não se ajuste à sociedade” (GOFFMAN, 1988, p. 32).

Erving Goffman foi um dos primeiros teóricos a pensar no estigma enquanto um produto social. Ou seja, tudo que é diferente do padrão aceito pela sociedade majoritária é colocada à margem, é inferiorizado, estigmatizado. Pode se relacionar a diferentes categorias e não só a *deficiência* (propositalmente grifada em itálico por ser um rótulo que a militância não utiliza). Por exemplo, o candomblé e a umbanda são religiões estigmatizadas e constantemente seus locais sagrados são alvo de profanação e destruição (PUFF, 2016).

A pessoa fora do padrão cis-heteronormativo também é estigmatizada. Talvez o caso de Sharon e Candy tenha sido alvo de tantas críticas principalmente por serem lésbicas. Isso é apenas uma suposição para que possamos refletir. Inclusive, esse assunto rendeu aproximadamente cinco artigos em jornais de medicina discutindo sobre os limites de procedimentos de inseminação artificial (ver SPRINGS, 2002; LEVY, 2002; ANSTEY, 2002; PARKER, 2007).

Uma ocorrência similar aconteceu no Reino Unido em 2008, quando o casal Tomato Lichy e Paula Garfield solicitaram um doador de esperma surdo para seu segundo filho, após terem tido complicações para engravidar (CATHOLIC..., 2008). O assunto ganhou espaço na mídia, mas não gerou tanta produção acadêmica a esse respeito. É interessante pensarmos no peso atribuído a um casal de lésbicas *versus* um casal hétero.

Lembramos aqui do caso de Thammy Miranda que ouviu uma série de críticas ao anunciar que seria pai (DONNA, 2019). O fato da esposa dele fazer uma fertilização in vitro o invalida como pai? Se esse fosse o caso, para casais cis-heteronormativos que recorressem a esse tipo de procedimento por infertilidade do homem, ele seria menos pai? Ou isso só ocorre no caso de Thammy enquanto homem trans?

Se é recorrente vermos casos de famosos LGBTQIA+ virando alvo de piadas ou críticas, imagine então para uma comunidade que já é marginalizada, como os surdos? A maioria dos surdos nascem em família ouvintes e, em geral, seus parentes não estão abertos a aprender mais sobre a cultura surda ou estudar a língua de sinais. Isso priva esse surdo de

---

<sup>11</sup> Termo cunhado por Cathy Cohen. Em suas palavras: “Por ‘heteronormatividade’ quero dizer tanto aquelas práticas localizadas quanto aquelas instituições centralizadas que legitimam e privilegiam a heterossexualidade e as relações heterossexuais como fundamentais e ‘naturais’ dentro da sociedade” (COHEN, 1997, p. 440, tradução livre). Posteriormente foi adicionada a partícula cis para ser um termo contemplativo também às pessoas trans.

um convívio social, além de provocar sua falta de acesso à informação. Assim:

Para muitos surdos um evento fundamental em suas vidas é o encontro – pela primeira vez – com outros surdos. São inúmeros os relatos a esse respeito. Isso porque a grande maioria dos surdos nasce em famílias de ouvintes e, portanto, não são usuárias da língua de sinais. Mesmo os familiares que são aconselhados a aprendê-la não o fazem na expectativa de que seus filhos, de alguma forma, irão “superar” a adversidade trazida pela surdez, entendida por eles como algo semelhante a uma doença. (GARCIA, 2011, p. 74)

Muitos surdos são colocados em escolas que, apesar de inclusivas, em diversos casos, são os únicos na turma a serem surdos e são colocados de lado pelos colegas ouvintes. Na maioria das vezes, falta a figura do tradutor/intérprete em sala de aula e os professores ficam virados de costas escrevendo no quadro e falando ao mesmo tempo, o que impede o aluno surdo de fazer a leitura labial. Tudo isso contribui não só para um baixo rendimento escolar, como também impede seu próprio autoconhecimento e formação enquanto cidadão (PIRES & EDER, 2000).

Ao contrário da crença majoritária de que a língua de sinais vai atrasar o desenvolvimento da criança surda porque ela vai acabar não aprendendo a língua áudio-oral de seu país, o que se mostra é exatamente o contrário. A criança surda que está em contato desde cedo com a língua de sinais vai conseguir ter uma maior compreensão do que acontece ao seu redor e, por ela já ter uma primeira língua bem desenvolvida, vai conseguir ter um aprendizado da segunda língua (a língua áudio-oral em sua modalidade escrita) mais eficaz (QUADROS & LILLO-MARTIN, 2021).

Essa barreira também gera outros impactos. Muitos negros surdos relatam que tiveram dificuldades em perceber que sofriam racismo porque, para eles, as piadas de seus colegas eram comuns. Isso por não terem acesso desde cedo a essa informação. Do mesmo modo, muitos surdos LGBTQIA+ dizem ter demorado a entenderem sua orientação sexual e/ou identidade de gênero porque não havia informação a esse respeito. Esse assunto, inclusive, já foi mencionado por um youtuber surdo gay, Léo Viturinno, em seu canal (VITURINNO, 2019).

Pensando a respeito dessa descoberta da sexualidade, Fabrício Abreu, Daniele Silva e José Zuchiwschi (2015) desenvolveram uma pesquisa fazendo entrevistas com três surdos gays e ficou evidente na coleta de dados a própria falta de aceitação de si próprios.

Mateus: “Eu sei que eu sou homossexual, eu tenho relações homossexuais, mas eu não gosto de ter um comportamento que denuncie isso, mais ligado às questões de trejeito, eu não gosto” [...]. Lucas: “Não, eu nunca encontrei com surdos homossexuais. Eu escondo que eu sou homossexual. [...] Os surdos não sabem que

eu sou homossexual. Então, eu não convivo com eles. Eu finjo que sou hétero, entendeu?” (ABREU *et al*, 2015, p. 616).

Em outro ponto da entrevista, Lucas complementa dizendo que só fica com caras gays que também se fingem de hétero, pois, em sua opinião, gays ficam o tempo todo se autoafirmando como gays, algo que ele não aceita.

Aí entramos em alguns questionamentos: Como se finge ser hétero? O que é um jeito de gay? Essa questão nos remete a fabricação social da sexualidade e, sobre isso, Luiz Paulo Lopes afirma que “somos seres que podem (ênfatiso, podem) atravessar as fronteiras discursivo-culturais da sexualidade e se familiarizar com outros discursos sobre quem podemos ser sexualmente” (LOPES, 2008, p. 138). Ou seja, se o padrão cis-heteronormativo é o padrão aceito pela sociedade majoritária, ele serve como o parâmetro de como devemos nos portar e qualquer coisa fora disso é desviante, é estigmatizada.

Toda essa visão sobre gênero e sexualidade foi moldada pelas sociedades ao longo dos anos. Michel Foucault resgata a emergência dessa fabricação nos quatro tomos da História da Sexualidade e, como já era de se esperar, está tudo relacionado a tentativa do controle sob os corpos. Em outra obra, Foucault menciona que:

É exatamente por volta dos anos 1860-70 que a procura de identidade na ordem sexual é praticada com maior intensidade: não só o verdadeiro sexo [...], mas também a identificação das diferentes perversões, sua classificação, caracterização, etc.; em suma, o problema do indivíduo e da espécie na ordem das anomalias sexuais. (FOUCAULT, 1982, p. 5)

Novamente vemos o quanto essa visão estigmatizante está presente e sendo perpetuada pelas sociedades por séculos. E isso entra no imaginário social. Georges Canguilhem refletirá sobre a questão do estigma sob a ótica das noções de normal e patológico. Tudo que é um desvio da norma padrão é anormal, logo é visto como uma anomalia, uma patologia. Entretanto, o autor reflete: “Na medida em que os seres vivos se afastam do tipo específico serão eles anormais que estão colocando em perigo a forma específica ou são inventores a caminho de novas formas?” (CANGUILHEM, 1995, p. 110).

Esse questionamento esteve presente indiretamente na vida de Connor McLaren. Ele conta que desde pequeno sabia que era gay. Porém, apesar de se aceitar como gay, McLaren (2015) sabia das dificuldades que teria na sociedade majoritária, ainda mais sendo surdo. Conforme relata:

Cresci com a ideia de que tinha dois golpes contra mim. Eu tive que enfrentar discriminação de todas as direções: ouvintes, surdos, heterossexuais e gays. Os mundos heterossexual e

auditivo não requerem explicação. No mundo gay, os caras se afastaram de mim por causa da minha imersão na Língua de Sinais Americana (ASL) e na cultura surda, um conceito tão desconhecido para a maioria. Na comunidade surda, às vezes me sinto mal por não ser “surdo o suficiente” porque uso um implante coclear para ouvir (MCLAREN, 2015, n.p, tradução livre)<sup>12</sup>.

McLaren conta ainda que uma tia surda sua lhe disse certa vez que era mais fácil encontrar um parceiro em meio aos surdos do que entre os ouvintes, pois estes não lhe compreenderiam totalmente. Ele tomou isso como uma verdade e achou que seria impossível enquanto homem gay surdo não totalmente aceito por ambos grupos sociais, conseguir encontrar um parceiro (MCLAREN, 2015).

Tudo isso mudou quando McLaren foi para a universidade e passou a ampliar seu convívio em ambas as comunidades. A partir daí, ele repensou sua trajetória e percebeu que não eram os outros que o impediam de ser feliz, mas sim ele próprio que tinha internalizado em si visões estigmatizantes. Ainda em seu relato, McLaren aponta que:

Ser parte das comunidades surda e LGBT abriu meu mundo imensamente, me dando oportunidades de conhecer muitas pessoas incríveis que eu não teria conhecido de outra forma. As pessoas que conheço acham difícil de acreditar quando digo a elas que, se eu pudesse apertar o botão de reset e escolher minha orientação sexual e capacidade auditiva, não posso afirmar que escolheria ser ouvinte e heterossexual. Minhas experiências especiais, que poucas outras pessoas compartilharam, construíram meu caráter e me tornaram um indivíduo mais forte – mais capaz de simpatizar com os outros e valorizar a diversidade (MCLAREN, 2015, n.p, tradução livre)<sup>13</sup>.

É importante ressaltar que essa experiência de McLaren em meio às duas comunidades talvez tenha sido possível apenas por ser algo mais recente, ou seja, das últimas duas décadas. A maioria dos LGBTQIA+ surdos com mais idade relatam os enfrentamentos e o medo de perderem, por exemplo, o auxílio governamental<sup>14</sup> por não serem cis-heteronormativos.

Ainda assim, destacamos duas iniciativas pioneiras em prol dos direitos de surdos LGBTQIA+. A primeira foi a criação do grupo Deafpride em 1972 nos Estados Unidos. Fundado pelo casal de lésbicas surdas Barbara Kannapell e Mary Eileen Paul e sua colega

<sup>12</sup> “I grew up with the idea that I had two strikes against me. I have had to face discrimination from all directions: hearing, Deaf, straight, and gay. The straight and hearing worlds require no explanation. In the gay world, guys have shied away from me because of my immersion in American Sign Language (ASL) and Deaf culture, a concept so unfamiliar to most. In the Deaf community, I have sometimes felt unwelcome for not being ‘Deaf enough’ because I wear a cochlear implant to hear” (MCLAREN, 2015, n.p).

<sup>13</sup> “Being a part of both the Deaf and LGBT communities has opened up my world immensely, affording me opportunities to meet a lot of amazing people I would not have otherwise met. People I know find this hard to believe when I tell them that, if I could hit the reset button and choose my sexual orientation and hearing ability, I cannot say that I would choose to be hearing and straight. My special experiences, which few other people have shared, have built my character and made me a stronger individual -- one more able to empathize with others and value diversity” (MCLAREN, 2015, n.p).

<sup>14</sup> Em alguns países, os surdos recebem um auxílio governamental, similar a um Bolsa Família.

ativista negra Ann Wilson, o grupo tinha como princípios defender o direito dos surdos de todas as raças e diversidades sexuais. De acordo com, Roberta Cordano, primeira reitora surda LGBTQIA+ da Universidade Gallaudet<sup>15</sup>, Kannapell “era uma líder feroz [...] que via e valorizava a essência de nossa comunidade e que procurava garantir que ela fosse inclusiva para todos” e ressaltou seu papel como “uma forte defensora da comunidade LGBTQIA+ Surda” (WOLFE, 2021, n.p, tradução livre)<sup>16</sup>.

Outra iniciativa pioneira ocorreu em 1978, quando David Moller, surdo gay britânico, fundou o Brothers and Sisters Club nos subúrbios londrinos. Esse local, além de ser um ponto de encontro seguro para a comunidade surda LGBTQIA+ da Inglaterra, também funcionava como espaço de palestras, principalmente voltadas para saúde sexual e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (LGBT ARCHIVE UK, s.d). Essa foi uma das primeiras tentativas de criar um espaço para que surdos LGBTQIA+ pudessem se sentir confortáveis, seguros e respeitados no seu direito de acesso à informação. A esse respeito, Ana Cláudia Maia (2009) reforça a importância de se pensar o que significa ser LGBTQIA+ e *deficiente*:

A necessidade de refletir sobre o que significa uma identidade ao mesmo tempo deficiente e homossexual, ou seja, uma identidade em que se somam duas ou mais características consideradas desvantajosas, é imperativa atualmente, porque sempre que nos defrontamos com padrões históricos e estes são considerados em algumas instâncias ou instituições como realidades inflexíveis, temos diante de nós uma ideologia perigosa, que produz exclusão, violência e discriminação (MAIA, 2009, p. 283).

Jitka Sineka (2007) corrobora pontuando que falar a respeito da sexualidade do *deficiente* é um assunto polêmico, é quase um tabu, devido à visão patologizante que carregam. Porém, para o autor, pensar essas questões direcionadas às comunidades de surdos é ainda mais complexo devido ao fator linguístico que faz com que esse duplo estigma (não-ouvinte e não-cis-heteronormativo) se intensifique com esse grupo social.

Mas, pensando em Canguilhem (1995), como inventar novos caminhos para ressignificar o duplo estigma, a dupla patologia?

### 3 O ORGULHO É UM PROTESTO

Roland Pfau, Annemieke van Kampen e Menno Harterink realizaram pesquisas com idosos gays surdos holandeses. Ao longo da coleta de dados, os pesquisadores notaram por

<sup>15</sup> Universidade pioneira no mundo voltada para surdos com currículo bilingue e com a língua de sinais como língua majoritária da comunicação (GALLAUDET..., n/d).

<sup>16</sup>“‘She was a fierce leader,’ she added, ‘who saw and valued the essence of our community and who sought to ensure that it is inclusive of everyone.’ Cordano said Kannapell was ‘a strong advocate to the LGBTQIA+ Deaf community’” (WOLFE, 2021, n.p).



diversas vezes que essas duas identidades (não-ouvinte e não-cis-heteronormativo) se misturavam em situações cotidianas na vida dos entrevistados. Isso porque:

Somos todos criaturas multifacetadas e nenhuma pessoa tem uma única identidade. Isto é, portanto, seguro assumir que, em situações cotidianas e em uma base diária, estamos constantemente fazendo malabarismos com múltiplas identidades. Mesmo o proverbial branco de classe média homem cisgênero heterossexual fisicamente capaz, por exemplo, se identificará em certas vezes principalmente como funcionário da empresa, enquanto em outros contextos, ele pode fundamentar sua identidade como pai. Em ambas as circunstâncias, ele agirá de acordo com as normas que a sociedade associa à respectiva identidade. Em certas situações, pode ser que essas duas identidades se cruzem ou entrem em conflito umas com as outras (PFAU *et al*, 2021, p. 129, tradução livre)<sup>17</sup>.

Aqui somos confrontados com uma perspectiva próxima à noção de territorialização em Deleuze e Guattari (1997). Transitar entre múltiplas identidades é estar entre diferentes territórios. Relembrando o relato de McLaren (2015), ele estava em constante trânsito entre duas comunidades. Em uma, ele era o "Connor surdo falante de ASL", pois estava em meio à comunidade de surdos sinalizantes. Na outra, a comunidade gay ouvinte, ele era o "Connor gay surdo implantado".

É como vestir uma roupa. Todos nós precisamos escolher que combinação vamos usar naquele dia. E isso depende de diversos fatores: Vou trabalhar ou vou a uma festa? Dia ou noite? Sol ou chuva? Ainda que vestir uma roupa seja uma tarefa tão maquinal e corriqueira, todas essas questões estão ali presentes mesmo que não percebamos. E é a mesma coisa com esse trânsito: em um momento me territorializo como estudante, no outro me desterritorializo dessa função e assumo meu papel como pai e assim por diante.

E ora nesse constante transitar que podemos encontrar pontos de confluência. No caso das comunidades de surdos e de LGBTQIA+ (aqui falando especificamente da majoritariamente ouvinte), há uma construção de uma causa entorno de seus grupos para a reivindicação de seus direitos.

Foi em um bar *gay* chamado Stonewall, em Nova York, há pouco mais de 40 anos, que *gays*, lésbicas, travestis e *drag queens* se uniram pela primeira vez para lutar contra a intolerância. Pela primeira vez todos eles se sentiram iguais – por serem diferentes. Iguais por causarem estranhamento ao padrão heteronormativo da sociedade. Eram *queers*, esquisitos. [...] No Brasil, foi preciso esperar dez anos para que os primeiros movimentos *pró-gay*

<sup>17</sup> "We are all multi-faceted creatures, and no one person has but a single identity. It is thus safe to assume that in everyday situations, and on a daily basis, we are constantly juggling multiple identities. Even the proverbial middle-class white able-bodied heterosexual cisgender male will, for instance, identify at certain times foremost as a company employee, while in other contexts, he may foreground his identity as a father. In both circumstances, he will act according to the norms that society associates with the respective identity. In certain situations, it may well be that these two identities intersect or conflict with each other" (PFAU *et al*, 2021, p. 129).

começassem a dar as caras, no início dos anos 1980: em São Paulo, com a fundação do histórico grupo Somos; no Rio, com o jornal *Lampião*; em Salvador com a criação do Grupo Gay da Bahia, o primeiro a conseguir registro em cartório. Eram grupos que passavam a dar mais visibilidade aos não-heterossexuais e lutavam pelo reconhecimento de seus plenos direitos (RIBEIRO, 2011, p. 153-155, grifos do autor).

Se para a comunidade LGBTQIA+, a Rebelião de Stonewall em 1969 foi um marco precursor de seu movimento em prol de seus direitos, para os surdos foi março de 1988. De acordo com Oliver Sacks:

Manhã de quarta-feira, 9 de março: “Greve em Gallaudet”, “Greve Surda dos Surdos”, “Estudantes exigem diretor Surdo” – os jornais estão cheios de notícias a respeito [...] o movimento começou há três dias, foi aumentando de intensidade, alcançou agora a primeira página de The New York Times. [...] Gallaudet é a única universidade de artes liberais para os surdos no mundo e, além disso é o centro da “comunidade surda” mundial, mas em todos os seus 124 anos nunca teve um diretor surdo (SACKS, 1990, p. 143).

A partir desses dois marcos iniciais, esses grupos sociais têm mantido sua voz ativa em meio a um cenário de constantes disputas. Além disso, a luta de ambos movimentos sociais gerou também a oficialização de importantes datas, tais como o Dia Internacional do Orgulho Gay comemorado em 28 de junho, em decorrência de ser a data de estopim da Rebelião de Stonewall, e o Dia Internacional do Surdo comemorado em 30 de setembro, data escolhida em alusão ao Congresso de Milão de 1880<sup>18</sup>. São datas longe de serem escolhidas aleatoriamente. São marcos do orgulho enquanto protesto (PRIDE..., n/d).

Michael Abernethy (2013) relatou suas experiências iniciais com a comunidade de surdos, traçando paralelos com a comunidade LGBTQIA+:

Enquanto o resto do mundo alcança e trabalha para incluir os deficientes auditivos no tecido da sociedade, os surdos criaram sua própria comunidade por meio de organizações, encontros sociais e fóruns na internet. Dessa forma, a comunidade surda é muito parecida com a comunidade LGBT e um corpo substancial de pesquisa que analisa questões de inclusão e diversidade inclui seções sobre desafios enfrentados por surdos e LGBT, pois geralmente são os mesmos. No entanto, poucas pesquisas foram feitas sobre os indivíduos que são LGBT e surdos. Isso é surpreendente, considerando o que minha irmã, intérprete de surdos, me disse: “Você ficaria surpreso com a quantidade de surdos que são gays” (ABERNETHY, n.p, tradução livre)<sup>19</sup>.

<sup>18</sup> “[O] o grande evento divisor de águas no que se refere à educação de surdos foi, sem dúvida, o chamado Congresso de Milão, realizado em 1880. Esse evento, endossado pela medicina, bane o uso da língua de sinais da educação de surdos. A escola, sem questionar, adota a idéia de extinguir os sinais” (GARCIA, 2011, p. 100-101). Para reforçar isso, os alunos surdos eram obrigados a sentar em cima de suas mãos.

<sup>19</sup> “While the rest of the world catches up and works to include the hearing impaired in the fabric of society, the deaf have created their own community through organizations, social gatherings, and internet forums. In this way, the deaf community is much like the LGBT community, and a substantial body of research that looks at issues of inclusivity and diversity has included sections on challenges facing both deaf and LGBT

Ao pesquisar a respeito dessas questões, Abernethy descobriu que “existem cerca de 2,8 milhões de pessoas LGBT surdas apenas nos Estados Unidos. [...] Minha irmã, que tem apenas evidências anedóticas, diria que essa porcentagem é provavelmente maior” (ABERNETHY, 2015, n.p, tradução livre)<sup>20</sup>. Pensando nisso, surdos LGBTQIA+ aos poucos vão dando seus passos entorno de uma causa própria que abarque suas reivindicações enquanto pertencentes de duas comunidades já estigmatizadas. Como já mencionamos anteriormente, em 1978, David Moller já dava os primeiros passos nesse sentido.

Talvez por causa da falta de atenção generalizada, porém, a comunidade LGBT surda desenvolveu sua própria subcultura. Existem várias organizações para ajudar a facilitar a divulgação de informações sobre pessoas LGBT com deficiência auditiva e para reunir a comunidade como um todo. Entre essas organizações está o [...] Deaf Queer Resource Center<sup>21</sup>; cuja função primordial é a divulgação de informações sobre e para surdos LGBT. Mais proativa é a Rainbow Alliance for the Deaf (RAD), que defende os direitos dos surdos e LGBT, além de realizar uma conferência semestral. A conferência não só educa e tem workshops, mas também nomeia um homem e uma mulher do ano, para aqueles indivíduos que se destacaram no trabalho de advocacia e caridade em suas comunidades (ABERNETHY, 2015, n.p, tradução livre)<sup>22</sup>.

Pensando em manifestações de maior escala, uma iniciativa interessante foi a DEAFAB, ocorrida em Bristol, Inglaterra, que foi uma passeata do orgulho gay com foco exclusivamente em pessoas surdas. Esse evento continua até hoje (DEAF Rainbow..., n/d) e, paralelo a divulgar sua realização, em suas redes sociais são postadas informações gerais sobre as demandas LGBTQIA+ e outras questões de relevância dentro do escopo do projeto.

FIGURA 1 - Cartaz da primeira edição da DEAFAB.

individuals, as they are often the same. However, scant research has been done on those individuals who are both LGBT and deaf. This is surprising, considering what my sister, an interpreter for the deaf, has told me: ‘You’d be surprised how many deaf people are gay’” (ABERNETHY, n.p).

<sup>20</sup> “According to DeafQueer.org, though, there are about 2.8 million deaf LGBT persons in the United States alone. [...] My sister, who has only anecdotal evidence, would maintain that percentage is probably higher” ((ABERNETHY, 2015, n.p).

<sup>21</sup> O canal do YouTube do Deaf Queer Resource Center traz diferentes histórias de vida de pessoas surdas LGBTQIA+ contando suas experiências e enfrentamentos que tiveram no decorrer de suas vidas (DEAF queer..., n/d).

<sup>22</sup> “Perhaps because of the lack of widespread attention, though, the deaf LGBT community has developed its own subculture. Several organizations exist to help facilitate the spread of information about LGBT persons with hearing impairments and to bring together the community as a whole. Among those organizations is the previously mentioned Deaf Queer Resource Center, whose primary function is the dissemination of information about and for deaf LGBT individuals. More proactive is the Rainbow Alliance for the Deaf (RAD), which advocates for the rights of the deaf and LGBT, as well as having a bi-annual conference. Not only does the conference educate and have workshops, they also name a man and woman of the year, for those individuals who have excelled in advocacy and charity work in their communities” (ABERNETHY, 2015, n.p).



Fonte: RICARDO...(n/d).

A exemplo das paradas britânicas, já faz algum tempo que surdos LGBTQIA+ têm trabalhado na Parada Gay de São Paulo, a maior (MEMORIAL..., n/d) e uma das mais famosas (DIAS, n/d) do mundo. Nesse caso, não se trata de um encontro exclusivo de surdos, mas a importância do ativismo dos surdos LGBTQIA+ ficou especialmente evidente nas duas edições ocorridas por *live* em decorrência da pandemia do Covid-19, nos anos de 2020 (PARADASP, 2020) e 2021 (PARADASP, 2021). Em ambas edições houve tradução simultânea para a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Um dos tradutores foi Leonardo Castilho do qual falaremos a seguir.

#### 4 INFLUENCIADORES SURDOS LGBTQIA+

Leonardo Castilho foi arte-educador surdo do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP) por 14 anos e vem se destacando enquanto ativista “surdo preto gay” (como ele mesmo se autointitula). Seu trabalho foi obtendo reconhecimento ao longo dos anos e ele conseguiu uma projeção bem ampla. Hoje, Castilho é o que chamamos por “influenciador digital”.

Considerada a profissão da moda, os novos influentes têm potencial para reconfigurar a lógica dos investimentos em publicidade e marketing. Segundo o estudo Influencer Market do Youpix, GFK e Airstrip, o papel do influenciador está em “emprestar” a relevância que tem junto a sua audiência para as marcas, a fim de comunicar produtos e serviços de maneira espontânea e interativa (GOMES; GOMES, 2017, p. 7).

Dada a sua visibilidade, Castilho foi um dos representantes da *Chilli Beans*

(CASTILHO, 2021) na campanha “Celebre o Amor” da Chilli Beans lançada no mês do Orgulho LGBTQIA+ em 2021. Em entrevista no canal do YouTube Chá dos Cinco (CHÁ..., 2018), Castilho contou que aos 11 anos de idade começou a sentir atração por homens, mas que, ao longo de sua vida, ficou com várias mulheres por acreditar que ele se atrair por homens era algo errado. Depois, ele foi se abrindo mais e se compreendendo melhor.

Recentemente, Castilho lançou uma provocação em seu Instagram (CASTILHO, 2022) dizendo que os rapazes do *Grindr*<sup>23</sup> costumam sumir sempre que ele avisa que é surdo e perguntou se isso acontecia com outras pessoas. Ele recebeu respostas de muitos surdos/as, além de autistas e pessoas com comprometimentos motores, dizendo que de fato aquilo era algo bem comum em suas vidas. Alguns surdos, sejam héteros ou LGBTQIA+, também alegam que ouvintes também os discriminam por muitas vezes terem uma voz diferente (PAINT, 2019). Isso acontece porque, com a ausência do feedback auditivo, eles não têm a percepção de como sua voz soa. Porém, existem vários surdos que possuem “voz de ouvinte” devido aos anos de treinamento fonoaudiológico (PAYO, 2022).

Em 2017, o cantor Johnny Hooker em parceria com a cantora Liniker lançaram a música “Flutua” (JOHNNY, 2017) cuja história do clipe centra-se na história de amor entre dois homens surdos gays. Castilho é um dos figurantes que aparece no clipe. Essa é mais uma das iniciativas que buscam trazer visibilidade aos surdos LGBTQIA+. Nesse caso, o único surdo envolvido no clipe é o Leonardo. Todos os outros figurantes, além dos dois atores principais, são ouvintes. No caso dos personagens principais, pensamos que não convidar atores surdos abre margem para o *cripface*<sup>24</sup>. Portanto, apesar da iniciativa pioneira do clipe, é importante ressaltar também essa questão.

Numa iniciativa similar, em 2020, um grupo de surdos e ouvintes fluentes em LIBRAS se reuniu para trazer uma interpretação da música “Rajadão” do Pabllo Vittar (GAY..., 2020). No entanto, esse vídeo teve um número ínfimo de visualizações se comparado com a música “Flutua”.

Outro fator a ser considerado é a importância das séries de TV e filmes iniciarem o reconhecimento e visibilidade dos atores e atrizes surdos/as. Apesar de Marlee Matlin ter ganhado o Oscar de Melhor Atriz em 1986 pela sua atuação em “Os Filhos do Silêncio” (SHIMOSAKAI, 2012), muito pouco tem ocorrido nos últimos trinta anos para a inclusão de atores e atrizes surdos/as em papéis de visibilidade. Em geral, os papéis são um tanto limitantes, pois a trama do personagem é construída entorno do fato dele ser surdo.

Nesse sentido, os atores Shoshannah Stern (atriz surda conhecida pelo seu papel como Eileen na série “Supernatural”) e Josh Feldman decidiram criar juntos uma websérie chamada “Web Fridays” em que seus personagens, Kate e Michael, conversam sobre seu dia-

<sup>23</sup> Grindr é um aplicativo para conhecer outras pessoas, similar ao Tinder, mas voltado para o público LGBTQIA+, principalmente gay.

<sup>24</sup> Se caracteriza por *cripface* os momentos em que um ator não-deficiente interpreta um personagem deficiente. O termo tem origem e significado similar ao black face (PINTO, 2021).

a-dia. O personagem de Josh, assim como ele, é gay e traz para a série a vivência enquanto pessoa gay e surda. Por sua vez, a personagem de Shoshannah é recém-casada, enquanto seu colega é recém-solteiro e eles trazem também reflexões cotidianas que mesclam diferentes fatores de suas vidas para mostrar uma ampla gama de assuntos e situações que não são exclusivamente relacionadas ao fato de serem surdos. De acordo com o ator:

Com Fridays, esperamos adicionar uma nova perspectiva à indústria do entretenimento que acreditamos estar faltando. [...] Os personagens surdos na mídia muitas vezes não são personagens totalmente realizados, principalmente porque suas histórias ou seus retratos têm tudo a ver com o fato de serem surdos. Com Fridays, queremos apresentar ao mundo dois surdos engraçados, complicados e plenamente realizado (CHEVES, 2015, tradução livre) .<sup>25</sup>

Shoshannah, como já mencionado, fez papéis maiores em outras séries de destaque e teve também a impressão de que a principal característica que define a personalidade de sua personagem é a ausência de audição e a atriz se queixa de como isso acaba sendo limitante para um ator surdo (CHEVES, 2015). Se o ramo da atuação já é um entrave para atores e atrizes surdos/as cis-heteronormativos, isso apenas se intensifica para os que são LGBTQIA+.

Assim, Josh complementou a entrevista dizendo que sua expectativa com a série é “apresentar mais personagens gays surdos ao cinema e à televisão [...] porque eu realmente precisava ver isso quando era criança, crescendo” (CHEVES, 2015, tradução livre)<sup>26</sup>. Da mesma forma que muitos outros LGBTQIA+ surdos, ele também demorou muito a se assumir devido à falta de informação a esse respeito.

Um dos atores que tenta também romper com esses padrões é Chella Man, um ator trans surdo que iniciou sua transição de gênero em 2017 aos 19 anos. Ele tem sido um dos maiores ativistas dos últimos anos na comunidade surda LGBTQIA+. Chella, além de trans e surdo, é também descendente de judeus e chineses e foi criado em comunidade muito conservadora. No mesmo ano em que começou a sua transição, Chella criou um canal no YouTube (CHELLA..., n/d) para dar visibilidade a essas questões. Apesar de ser implantado, parte de seus vídeos são em ASL<sup>27</sup>.

<sup>25</sup> With Fridays, we hope to add a new perspective to the entertainment industry that we believe is lacking,’ Feldman, who plays Michael, tells The Advocate in an email. ‘Deaf characters in the media often aren’t fully realized characters, mainly because their storylines or their portrayals have everything to do with their being deaf. With Fridays, we want to introduce the world to two deaf people who are funny, complicated, and fully realized (CHEVES, 2015, n.p).

<sup>26</sup> “My real hope is to introduce more deaf gay characters to film and television,’ he says, ‘because I really needed to see that when I was a young kid, growing up.” (CHEVES, 2015).

<sup>27</sup> “O implante coclear, popularmente conhecido como ouvido biônico, é um dispositivo implantável de alta complexidade tecnológica, que é utilizado para restaurar a função da audição nos pacientes portadores de deficiência auditiva profunda que não se beneficiam do uso de aparelhos auditivos convencionais. É um equipamento eletrônico computadorizado muito sofisticado, que substitui totalmente o ouvido de pessoas que tem deficiência auditiva severa para profunda ou profunda. O implante estimula diretamente o nervo auditivo através de pequenos eletrodos que são colocados dentro da cóclea e o nervo leva estes sinais para o cérebro” (UFES, n/d, n.p).

Em 2019, Chella foi escalado para viver um super-herói na série da DC Comics “Titãs” fazendo o papel de Jericó que é um personagem que ficou mudo, após ter suas cordas vocais cortadas por inimigos de seu pai. Esse super-herói “tem a capacidade única de possuir alguém apenas fazendo contato visual” (CARVALHO, n/d) e se comunica através de ASL. Na época, Chella explicou sobre a importância da representatividade dentro desse universo dos super-heróis. Ainda no ano de 2019, Chella foi um dos nomeados para o Pride50 do Jornal Queerty como um dos ativistas mais importantes do ano em uma publicação que marcava os cinquenta anos da Rebelião de Stonewall (GREMORE, 2019).

Outro influenciador digital relevante é Blake Culley que, assim como Chella, também foi designado como sendo do gênero feminino ao nascer. Apesar de nunca se identificar com o gênero, devido a falta de informação acessível em língua de sinais, somente aos 28 anos ele iniciou sua transição de gênero, o que é bem tardio se comparado aos trans ouvintes.

Culley explica que o fato dos vídeos de trans ouvintes explicando sobre sua transição terem legendas não auxilia aos surdos. Isso porque a maioria dos surdos não possui um domínio adequado da língua áudio-oral escrita por conta de metodologias de ensino ineficazes. Outra questão apontada por ele é que a maioria dos vídeos possui legendas automáticas que são ativadas pela pronúncia da pessoa e, em geral, trocam palavras fazendo com que o contexto seja perdido. Foi assim que ele decidiu fazer seus próprios vídeos (AI-MEDIA, 2018) explicando em ASL sobre sua transição de gênero para poder auxiliar a outros surdos que também não se identifiquem com o padrão cisgênero.

Em 2020, Pietra Simon se destacou por ser a primeira ativista surda trans a concorrer em um cargo político no Brasil. Ela foi candidata a vice-prefeita da cidade de Bagé/RS pelo PSOL. Na época com 22 anos, Pietra destacou a importância de sua candidatura em uma cidade com um histórico de machismo e conservadorismo. Inclusive, ela própria já sofreu episódios de transfobia na cidade (BECKER, 2020). Além das pautas LGBTQIA+, sua chapa tinha como proposta também criar uma central de intérpretes de LIBRAS nessa cidade. Infelizmente, só obtiveram 0,43% dos votos (G1, 2020), mas sua candidatura foi um marco essencial na luta pelos direitos desses dois grupos sociais.

Em 2021, durante a pandemia de Covid-19, o Itaú Cultural promoveu o Festival de Culturas Surdas e uma das mesas intitulada “Surdos LGBTQIA+” trazia Pietra como convidada, além da poetisa surda Yanna Porcino, que é lésbica, e de Leonardo Braconnot, mais conhecido como Kitana Dreams, drag queen surda e influenciadora digital (DREAMS..., n/d).

Esse é um breve panorama geral de como vem se desenvolvendo o movimento social de surdos LGBTQIA+ nos últimos anos. Com o avanço das tecnologias digitais e rede sociais,

<sup>28</sup> Seguindo o exemplo da DC, em 2021, a Marvel introduziu sua primeira personagem surda no filme “Eternos”. Trata-se de Makkari, interpretada pela atriz surda negra Lauren Ridloff. A escolha não só dessa atriz como de outros em “Eternos” mostra uma preocupação do MCU em tornar mais representativo (REDAÇÃO..., 2021).

vários movimentos dentro do próprio movimento social de surdos têm se apropriado desse espaço para contar suas histórias e demarcar seu território. Além dos surdos LGBTQIA+ podemos citar iniciativas similares de coletivos feministas surdos (FEMINISMO..., n/d), por exemplo. Acreditamos que essa apropriação do espaço da internet como forma de ciberativismo surdo (GARCIA & CABRAL, 2022) deixará um legado fundamental para as mobilizações das próximas gerações<sup>28</sup> de jovens surdos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante esse artigo faz-se uma breve reflexão do que é ser LGBTQIA+ e surdo na visão da sociedade majoritária versus sua própria visão de mundo. Além disso, apresentar como vem se desenrolando a busca por uma demarcação de seu território enquanto subgrupo dessas duas comunidades estigmatizadas.

Assim, pudemos explorar algumas experiências de surdos que estão imersos nas duas comunidades, isto é, surdos e LGBTQIA+, e foi possível observar que existem algumas barreiras para esses sujeitos em ambos grupos. De um lado, alguns grupos de surdos não são inclusivos aos surdos LGBTQIA+. De outro, os grupos de ouvintes LGBTQIA+ podem ter uma tendência a marginalizar os surdos LGBTQIA+, o que acarreta ainda mais estigmatização por parte desses sujeitos.

Dessa forma, a constituição de frentes do movimento social de surdos voltados às causas LGBTQIA+ foi fundamental para estabelecer uma troca de experiências entre seus pares, assim como para a consolidação de pautas que permitiram a visibilidade desse movimento. Por esse viés, os influenciadores surdos LGBTQIA+, especialmente aqui no Brasil, nos Estados Unidos e em algumas localidades europeias, têm conseguido bastante espaço nas redes sociais, o que têm chamado atenção também de pessoas ouvintes usuárias dessas mídias.

Como a intenção desse artigo foi fornecer um panorama inicial, esperamos que as reflexões aqui presentes possam ser replicadas e repensadas por outros acadêmicos, pois acreditamos que se façam necessárias mais pesquisas que enfoquem essa dupla experiência de ser surdo e LGBTQIA+.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERNETHY, Michael. Waiting to be heard: on being deaf and gay. **Pop Matters**, Chicago, 24 set. 2013. Disponível em: <https://www.popmatters.com/waiting-to-be-heard-on-being-deaf-and-gay-2495724589.html>. Acesso em: 04 maio 2022.

ABREU, Fabrício Santos Dias de; SILVA, Daniele Nunes Henrique; ZUCHIWSCHI, José. Surdos e Homossexuais: A (Des)coberta de Trajetórias Silenciadas. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 607-620, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v23n3/v23n3a07.pdf>. Acesso em: 04 maio 2022.



AI-MEDIA. [ASL] **Blake Culley – What it's like growing up transgender and Deaf**, 7 fev. 2018. 1 vídeo (4min09s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-r1YNAkxG-U>. Acesso em: 04 maio 2022.

ANSTEY, Kyle. Are attempts to have impaired children justifiable? **Journal of Medical Ethics**, v. 28, n. 5, p. 286-288, 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1136/jme.28.5.286>. Acesso em: 04 maio 2022.

BECKER, Viviane. Bajeense Pietra Simon foi a primeira mulher trans e surda a concorrer a cargo majoritário no Brasil. **Jornal Minuano**, Bagé, 16 nov. 2020. Disponível em: <https://www.jornalminuano.com.br/noticia/2020/11/16/bajeense-pietra-simon-foi-a-primeira-mulher-trans-e-surda-a-concorrer-a-cargo-majoritario-no-brasil>. Acesso em: 04 maio 2022.

CANGUILHEM, Georges. **O Normal e o Patológico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

CARVALHO, Ketryn. Ator trans e surdo, Chella Man, viverá herói na série “Titãs”. **Observatório G**, n/d. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/ator-trans-e-surdo-chella-man-vivera-heroi-na-serie-titas>. Acesso em: 04 maio 2022.

CASTILHO, Leo. **É por isso tenho meu orgulho**, 26 jun. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=137176815090060>. Acesso em: 04 mar. 2022.

CASTILHO, Leo. **Publicação do Instagram**, 05 maio 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CdL48VjpTEx/>. Acesso em: 04 maio 2022.

CATHOLIC news agency. Deaf couple wants to use genetic selection to have a deaf child. **Catholic News Agency**, Londres, 13 de mar. de 2008. Disponível em: <https://www.catholicnewsagency.com/news/12060/deaf-couple-wants-to-use-genetic-selection-to-have-a-deaf-child>. Acesso em: 04 maio 2022.

CHÁ dos 5. **Chá dos 5 - GAY SURDO feat. LEO CASTILHO**, 19 jul. 2018. 1 vídeo (36min31s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OcOEE4cdGOI&t=2s>. Acesso em: 04 maio 2022.

CHELLA Man. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/ChellaManArt>. Acesso em: 04 maio 2022.

CHEVES, Alexander. Deaf Meets LGBT in New Romantic Series. **The Advocate**, Baton Rouge, 04 set. 2015. Disponível em: <https://www.advocate.com/arts-entertainment/2015/09/04/watch-deaf-gay-actor-stars-new-web-series>. Acesso em: 04 maio 2022.

COHEN, Cathy J. Punks, bulldaggers, and welfare queens: the radical potential of queer politics? **GLQ – Journal of Lesbian & Gay Studies**, v. 3, p. 437-465, 1997.

DEAF rainbow UK. **Welcome to our website!** Disponível em: <https://deafrainbowuk.org.uk/>. Acesso em: 04 maio 2022.

DEAF queer resource center. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/DQRC/videos>. Acesso em: 04 maio 2022.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia – Vol. 5**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DIAS, Surenã. As 6 paradas LGBTs mais famosas do mundo. **Observatório G**, n/d. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/listas/as-6-paradas-lgbts-mais-famosas-do-mundo>.

Acesso em: 04 maio 2022.

DONNA. Thammy Miranda rebate críticas recebidas após anunciar gravidez da esposa. **GaúchaZH**, 02 jul. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/gente/noticia/2019/07/thammy-miranda-rebate-criticas-recebidas-apos-anunciar-gravidez-da-esposa-cjxltr0aw04rz01o91kb7fdhc.html>. Acesso em: 04 maio 2022.

DREAMS, Kitana. **Instagram**. Disponível em: <https://www.instagram.com/kitanadreams/>. Acesso em: 04 maio 2022.

FOUCAULT, Michel. **Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1982.

G1. Eleições 2020 no Rio Grande do Sul. **G1**, 15 nov. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/eleicoes/2020/resultado-das-apuracoes/bage.ghtml>. Acesso em: 04 maio 2022.

GALLAUDET University. Disponível em: <https://www.gallaudet.edu/about>. Acesso em: 04 maio 2022.

GARCIA, Maria Izabel dos Santos. **Movimento Social dos Surdos: interseções, atravessamentos e implicações**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas com ênfase em Antropologia Cultural), Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

GARCIA, Maria Izabel dos Santos; CABRAL, Rebeca Garcia. Deafspace no Ciberespaço: o uso das tecnologias digitais como ciberativismo por artistas surdos. **Conversas & Controvérsias**, v. 9, n. 1, p. 1-9, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/2178-5694.2022.1.42097>. Acesso em: 04 maio 2022.

GAY blog. Surdos LGBTQIA+ se juntam para dublar em libras a música “Rajadão”, de Pablo Vittar. **Gay Blog**, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://gay.blog.br/noticias/surdos-lgbtqia-se-juntam-para-dublar-em-libras-a-musica-rajadao-de-pablo-vittar/>. Acesso em: 04 maio 2022.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.

GOMES, Evandro Ferreira; GOMES, Erika Cirqueira. O papel dos Influenciadores Digitais no relacionamento entre Marcas e Millennials na Era Pós-Digital. *In: XIX INTERCOM – Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*, Fortaleza, 2017, p. 1-15.

GREMORE, Graham. How “deaf, Jewish, genderqueer, transmasculine person of color” Chella Man is changing the world. **QueertyPride\***, 20 maio 2019. Disponível em: <https://www.queerty.com/deaf-jewish-genderqueer-transmasculine-person-color-chella-man-changing-world-20190520>. Acesso em: 04 maio 2022.

FEMINISMO Surdo. **Instagram**. Disponível em: <https://www.instagram.com/feminismosurdo/>. Acesso em: 04 maio 2022.

JOHNNY Hooker. Johnny Hooker (part. Liniker) - Flutua (CLÍPE OFICIAL), 24 dez. 2017. 1 vídeo (7min24s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mYQd7HsvVtI>. Acesso em: 04 maio 2022.

LEVY, Neil. Deafness, culture and choice. **Journal of Medical Ethics**, v. 28, n. 5, p. 284-285, 2002.

LGBT archive UK. **Brothers and Sisters Club**. Disponível em:

[https://lgbthistoryuk.org/wiki/Brothers\\_and\\_Sisters\\_Club](https://lgbthistoryuk.org/wiki/Brothers_and_Sisters_Club). Acesso em: 04 maio 2022.

LOPES, Luiz Paulo Moita. Sexualidade em sala de aula: discurso, desejo e teoria queer. **Memorial da democracia**. Parada LGBT de SP vai para o 'Guinness'. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/parada-lgbt-de-sp-no-guinness-book>. Acesso em: 04 maio 2022.

LUCZAK, Raymond. **Notes of a Deaf Gay Writer: 20 Years Later** [excerto]. Disponível em: [https://wordgathering.com/past\\_issues/issue19/excerpts/luczak2.html](https://wordgathering.com/past_issues/issue19/excerpts/luczak2.html). Acesso em: 04 maio 2022.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Sexualidade, deficiência e gênero: reflexões sobre padrões definidores de normalidade. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas**. Brasília: SECAD/MEC, UNESCO, 2009, p. 265-291.

MCLAREN, Connor. I'm Deaf and Gay – And That's Totally Okay. **HuffPost**, Washington D.C., 03 jun. 2015. Disponível em: [https://www.huffpost.com/entry/im-deaf-and-gay-and-thats-totally-okay\\_b\\_7498750](https://www.huffpost.com/entry/im-deaf-and-gay-and-thats-totally-okay_b_7498750). Acesso em: 04 maio 2022.

MELLO, Anahi Guedes de. Surdos Oralizados e Não Oralizados: Uma Visão Crítica. In: **Segundo Congresso Virtual "Integración sin Barreras em el Siglo XXI"**, 2001.

MELLO, Letícia Souza; CABISTANI, Luiza Griesang. Capacitismo e lugar de fala: repensando barreiras atitudinais. **Revista da Defensoria Pública**, n. 23, p. 118-139, 2019. Disponível em: <https://revistadpers.emnuvens.com.br/defensoria/article/view/112>. Acesso em: 04 maio 2022.

MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

PAINT. **Episode 28 - Being Deaf and Gay (Paris, France)**, 12 jun. 2019. 1 vídeo (5min47s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZFsPHpZ6dJE>. Acesso em 04 mar. 2022.

PARADASP. **#ParadaSPaoVivo Primeira Parada Virtual do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo**, 14 jun. 2020. 1 vídeo (8h33min39s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qkidg6b8GM8>. Acesso em: 04 maio 2022.

PARADASP. **#ParadaSPaoVivo - 25ª Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo**, 6 jun. 2021. 1 vídeo (5h29min21s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zQcfXsnvuMU>. Acesso em: 04 maio 2022.

PARKER, Michael. The Best Possible Child. **Journal of Medical Ethics**, v. 33, n. 5, p. 279-283, 2007. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27719859>. Acesso em: 04 maio 2022.

PAYO, Thaisy. **Publicação no Instagram**, 26 jan. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CZM-7ARJUmr/>. Acesso em: 04 maio 2022.

PINTO, Elizabeth Medeiros. **O que nós queremos? Acessibilidade! Temas geradores de paulo freire como vetores da pedagogia do teatro**. Tese (Doutorado em Artes Cênicas), Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

PIRES, Cleidi; EDER, Marenize. Educação de surdos e fracasso escolar. **Revista Educação Especial**, n. 15, p. 33-41, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacao-especial/article/view/5284>. Acesso em: 04 maio 2022.

PIFAU, Roland; VAN KAMPEN, Annemieke; HARTERINK, Menno. Pink sign: identity challenges, choices, and changes among elderly Deaf homosexuals in the Netherlands. In:

PFAU, Roland; GÖKSEL, Asli; HOSEMANN, Jana (Orgs.). **Our Lives – Our Stories: Life Experiences of Elderly Deaf People**. Berlin: De Gruyter Mouton, p. 129-170, 2021.

PRIDE is a protest. **Recentering the narrative of Pride to its original principles of resistance & rebellion**. Disponível em: <https://prideisaprotest.com/>. Acesso em: 04 maio 2022.

PUFF, Jefferson. Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil? **BBC Brasil**, Rio de Janeiro, 21 jan. 2016. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120\\_intolerancia\\_religioes\\_africanas\\_jp\\_rm](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_jp_rm). Acesso em: 04 maio 2022.

QUADROS, Ronice; LILLO-MARTIN, Diane. Língua de herança e privação da língua de sinais. **Revista Espaço**, v. 55, p. 213-222, 2021. Disponível em: <http://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1648>. Acesso em: 04 maio 2022.

REDAÇÃO GDPB. Makkari: Lauren Ridloff e a representatividade como a primeira heroína surda do MCU. **Guia Disney Plus Brasil**, 09 nov. 2021. Disponível em: <https://disneyplusbrasil.com.br/makkari-lauren-ridloff-e-a-representatividade-como-a-primeira-heroína-surda-do-mcu/>. Acesso em: 04 maio 2022.

RIBEIRO, Deco. Stonewall: 40 anos de luta pelo reconhecimento LGBT. In: COLLING, Leandro (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011, p. 153-156.

RICARDO Shimosakai. Disponível em: <https://ricardoshimosakai.com.br/gays-surdos-fazem-a-festa/>. Acesso em: 04 maio 2022.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. São Paulo: Imago Editora, 1990.

SHIMOSAKAI, Ricardo. A língua de sinais, conquistou os críticos de Hollywood em “Filhos do Silêncio”. **Ricardo Shimosakai**, 3 jun. 2012. Disponível em: <https://ricardoshimosakai.com.br/a-lingua-de-sinais-conquistou-os-criticos-de-hollywood-em-filhos-do-silencio/>. Acesso em: 04 maio 2022.

SINECKA, Jitka. ‘I am bodied’. ‘I am sexual’. ‘I am human’. Experiencing deafness and gayness: a story of a young man. **Disability & Society**, v. 23, n. 5, p. 475-484, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09687590802177049>. Acesso em: 04 maio 2022.

SPRIGGS, Merle. Lesbian couple create a child who is deaf like them. **Journal of Medical Ethics**, v. 28, n. 5, p. 283, 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1136/jme.28.5.283>. Acesso em: 04 maio 2022.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

TEATHER, David. Lesbian couple have deaf baby by choice. **The Guardian**, Nova York, 08 abr. 2002. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2002/apr/08/davidteather>. Acesso em: 04 maio 2022.

TOLEDO, Tatiana. Surdo ou deficiente auditivo? Eis a questão. **Instituto Federal de Minas Gerais**, Ouro Preto, 22 de maio de 2017. Disponível em: <http://www2.ouropreto.ifmg.edu.br/news/news/surdo-ou-deficiente-auditivo-eis-a-questao>. Acesso em: 04 maio 2022.

UFES (Universidade Federal Do Espírito Santo). **Implante Coclear UFES/HUCAM**. Disponível em: <https://implantecoclear.ufes.br/implante-coclear>. Acesso em: 04 maio 2022.

VITURINNO, Léo. **SOU GAY? #LéoResponde**, 15 mar. 2019. 1 vídeo (9min 57s) Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=bxq2xosQe\\_0](https://www.youtube.com/watch?v=bxq2xosQe_0). Acesso em: 04 maio 2022.

WOLFE, Kathi. Remembering deaf lesbian pioneer Barbara Kannapell. **Washington Blade**, Washington D.C., 03 set. 2021. Disponível em: <https://www.washingtonblade.com/2021/09/03/remembering-deaf-lesbian-pioneer-barbara-kannapell/>. Acesso em: 04 maio 2022.

Recebido em 15/05/2022

Aceito em 23/06/2022